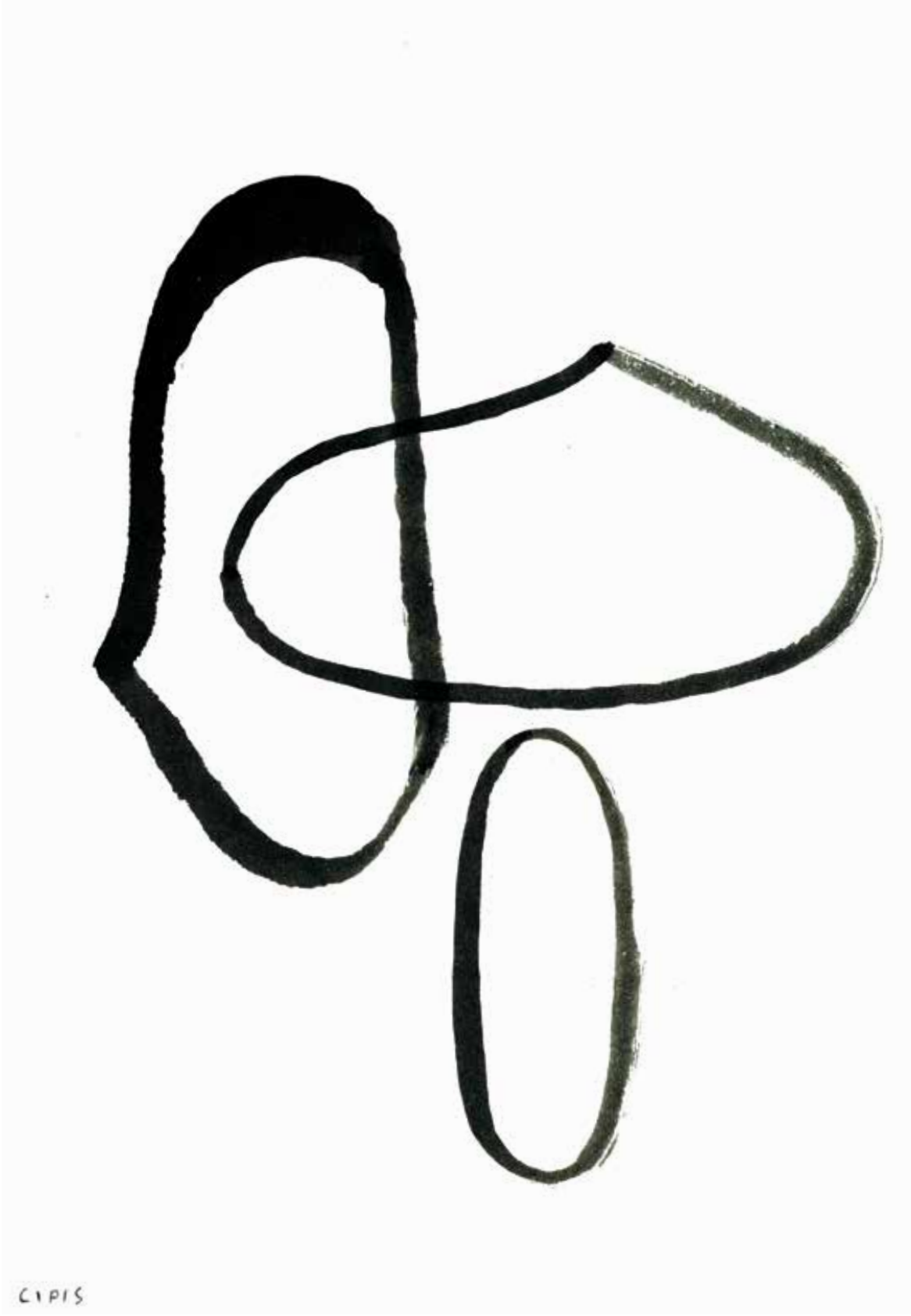

CIPIS

LIVROS DAS MISSÕES

Fernanda Verissimo

Espalhadas por Argentina, Paraguai e Sul do Brasil, as ruínas das missões jesuítas ainda alimentam debates acadêmicos e povoam boa parte da história e do folclore destas regiões. Ao longo dos 150 anos de estabelecimento destas comunidades, de 1609 a 1767, na então chamada Província Jesuíta do Paraguai, uma população que chegou a quase 150 mil habitantes em meados do século XVIII[1] deixou marcas de um projeto político e religioso que ainda impressiona e fascina. ¶ Mesmo que as missões cristãs como instrumento de controle dos territórios de fronteira e das populações indígenas não fosse uma ideia nova e seguisse experiências similares de outras ordens religiosas na região, o projeto de sedentarização e "redução" dos guaranis engendrado pela Companhia de Jesus desenvolveu-se de maneira particular e alcançou um surpreendente nível de desenvolvimento através de um sistema econômico centralizado e, em grande parte, coletivista, baseado principalmente no cultivo do mate e na criação de gado. ¶ A estabilidade atingida pelas missões possibilitou o desenvolvimento de artes e ofícios que construíram – literal e figurativamente – a imagem de uma nova civilização, ideia cara aos jesuítas e fundamental na popularização do mito de uma *república* independente em pleno território colonial. A ideia de independência esbarra nos fatos, já que as missões pagavam tributos e forneciam soldados à coroa espanhola, a quem se mantinham fiéis. Mas é inegável que esta experiência teve como resultado uma sociedade singular, e que sua manutenção só foi possível

1. E. Maeder e A. Bolsi, "La Población de las Misiones Guaraníes entre 1702 y 1767", *Estudios Paraguayos*, Revista de la Universidad Catolica, vol. 2, número 1, 1974, p. 111-137; M. Livi-Bacci e E. J. Maeder, "The Missions of Paraguay: The Demography of an Experiment", *Journal of Interdisciplinary History*, vol. 35, n. 2, outono, 2004, MIT Press, p. 185-224.

com a participação ativa dos guaranis como administradores e como mão de obra especializada, com artesãos que se tornaram mais competentes em seus ofícios do que aqueles das cidades coloniais mais próximas, como Buenos Aires e Assunção[2].

O religioso Antonio Sepp, missionário no Paraguai de 1691 a 1733, orgulhava-se do que considerava o sucesso desse projeto civilizatório e perguntava: "Que cidadão consentiria que fossem desterrados do país os pintores? Quem não estima os músicos? Quem é que não faz conta dos tipógrafos? Também tais possue-os a nossa América; possue-os, ama-os e os sabe apreciar"[3].

Os tipógrafos de que fala Sepp chamam a atenção para uma atividade pouco conhecida das missões: a impressão de livros, quase todos religiosos ou vocabulários e gramáticas da língua guarani. Na América do Sul de então, apenas Lima possuía um impressor (trazido do México pelos jesuítas), com prensa e tipos importados. As oficinas das reduções, por sua vez, desenvolvem sua imprensa com matérias-primas quase todas locais, e produzem pelo menos 23 livros entre 1700 e 1727, dois dos quais escritos por um índio, o cacique Nicolas Yapuguay.

A impressão, tão largamente utilizada pelos jesuítas em seus colégios europeus e em suas missões de além-mar, era uma ambição antiga dos jesuítas do Paraguai. Solicitados com frequência aos superiores da Companhia, os tão esperados impressores chegam às missões ao final do século XVII e se põem ao trabalho.

A construção de uma ou mais prensas (pois não há consenso sobre o número existente) estava certamente dentro das capacidades dos artesãos guaranis, mas a fabricação de caracteres móveis e da tinta deve ter se mostrado mais complicada, pois a mistura de metais necessários para uma boa confecção dos tipos não era simples, e dava trabalho até em oficinas europeias contemporâneas. No Paraguai, imagina-se que os tipos eram forjados a partir de uma mistura de chumbo, estanho – metais que existiam na região – e de velhos utensílios de ferro. O desafio foi vencido, mas a má qualidade da maior parte da produção que chegou até nós sugere uma confecção longe de ser a ideal

De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705.*



2. E. Neumann, *O Trabalho Guarani Missioneiro no Rio da Prata Colonial 1640-1750*, Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1996.
3. A. Sepp, *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostolicos*, Editora Itatiaia, 1980, pg. 244.

e deixa supor igualmente a existência de tipos em madeira. A flora da região, amplamente descrita pelos missionários sobretudo em relação a seu uso medicinal, se prestava também à extração da tinta necessária à impressão. O único material importado era o papel, matéria cara e escassa que deve ter sido um dos maiores entraves a uma produção mais extensa, assim como uma das razões do fim da impressão missionária.

Dos pelo menos 23 livros impressos, apenas oito títulos, muitos deles em uma única cópia, ainda podem ser encontrados.

Os primeiros livros são *Martirologio Romano* e *Flos Sanctorum*, obras hagiográficas impressas em torno de 1700 e cuja existência só é conhecida por registros documentais. Em seguida, em 1705, sai da prensa da redução de Loreto o primeiro livro ainda existente: *De la Diferencia Entre lo Temporal y el Eterno*, tradução em guarani do original espanhol do religioso Juan Nieremberg, de 1640. Clássico da bibliografia jesuíta, o livro de Nieremberg é um tratado espiritual que segue uma tradição literária (e iconográfica) da contrarreforma católica, exortando os fiéis a seguirem as doutrinas edificantes pelo exemplo. Dividido em cinco partes, propõe uma série de meditações sobre a "pequenez" e a "miséria" da vida temporal e sobre o caminho para a vida eterna. Além de 54 edições em espanhol, o tratado de Nieremberg foi traduzido em várias línguas – árabe, italiano, francês, alemão, holandês, inglês, português, e chiquito entre elas – e a versão guarani é obra do padre José Serrano, espanhol radicado na Província do Paraguai de 1658 a 1713. Em grande formato, com 438 páginas de textos em duas colunas, o livro é ilustrado por 43 gravuras que demonstram o talento dos artesãos guaranis, mesmo que sejam todas inspiradas (e muitas vezes quase totalmente copiadas) de ilustrações de edições europeias do mesmo livro ou de outras obras cristãs impressas na Europa. O texto é todo em guarani à exceção das páginas iniciais, com as autorizações de impressão em espanhol, e alguns trechos em latim.

Além da importância da tradução da obra em guarani, o livro se revela fundamental no estudo da arte missionária e de sua iconografia. A principal fonte das 43 gravuras são as ilustrações de Gaspar Bouttats para uma edição de 1684 do livro de Nieremberg impresso por Hieronymus Verdussen[4] na Antuérpia, cidade que era uma das bases da Companhia de Jesus na Europa do Norte e que, devido a sua intensa atividade gráfica, tornou-se uma das principais produtoras de livros ilustrados jesuítas. No lugar das doze gravuras originais, no entanto, a edição guarani apresenta 43, certamente em face da necessidade de usarem-se recursos visuais para uma melhor compreensão do texto. Outras obras que serviram de modelo às pranchas do *Diferencia* missionário são o *Evangelicae Historiae Imagines* do jesuíta Jerónimo Nadal, contemporâneo e próximo de Loyola, impresso por Christophe Plantin na Antuérpia em 1593, e o *Sumo Sacramento de la Fe, Tesoro del Hombre Cristiano*, do jesuíta Francisco Aguado, em sua edição madrilenha de 1640. O livro de Nadal e suas ilustrações tiveram uma grande influência sobre a arte jesuíta em geral, circulando ao redor do mundo como modelo para os artistas ligados à Companhia de Jesus[5].

As gravuras da edição jesuíta-guarani seguem vários procedimentos de adaptação e é raro encontrar uma cópia totalmente fiel ao original. Algumas vezes, o gravador mis-

4. R. González, *Textos e Imágenes para la Salvación: la Edición Misionera* De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Art*Cultura, Uberlândia, vol. 11, n. 18, jan.-jun. 2009.

5. R. Dekoninck, *Ad Imaginem: Statuts, Fonctions et Usages de l'Image dans la Littérature Spirituelle Jésuite du XVII^e Siècle*, Genève, Droz, 2005, pp. 11-12.

sioneiro mantém a composição mas muda o tamanho dos elementos; outras vezes, novas figuras são incluídas na composição ou substituem os personagens do original; há também cópias *invertidas* do original, quando o modelo é reproduzido exatamente sobre a prancha e, consequentemente, reproduzido ao inverso no momento da impressão, procedimento que não era raro nos ateliês europeus da época. Numa mesma gravura, pode-se ver igualmente elementos copiados ou inspirados de fontes diferentes e, em alguns casos, o tema principal de uma gravura missionária é uma amplificação de tema menos importante na gravura original[6]. De todas as gravuras da versão guarani do *Diferencia*, só uma é assinada: a primeira prancha, com um retrato de Tirso Gonzalez, General dos jesuítas, leva a inscrição "Ioan Yapari sculps. Doctrinis Paraquariae".

Deste belo livro, sem dúvida o mais bem impresso da produção guarani-jesuíta, restam dois exemplares, ambos na Argentina.

As obras seguintes da tipografia missioneira foram menos ambiciosas. Sua qualidade, apesar do esforço evidente para estarem de acordo com as convenções tipográficas da época, trai as dificuldades de produção. Mas estes livros – gramáticas, vocabulários e explicações doutrinárias – foram sem dúvida de uso mais corrente, de certa forma destinados a desaparecerem mais rapidamente, e mesmo que seus caracteres tipográficos não fossem "como aqueles das impressões europeias", como admitia o padre Sepp[7], o



De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705.*

resultado era suficientemente bom para que partilhassem as bibliotecas das reduções com livros importados da Europa.

Em 1713 foi impresso, também em Loreto, um pequeno livro de instruções (*Instrucción Practica para Ordenar Santamente la Vida*, do padre Antonio Garriga) de 120 páginas, que se propõe a servir de "*recuerdo*" àqueles que querem fazer os Exercícios Espirituais de Loyola mas que têm "muitos afazeres e falta de tempo"[8]. O livro é todo em espa-

6. R. González, H. Picchi, M. Schoenemann, "Una Aproximación a la Edición Misionera *De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno*", *XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: "Interacciones y Sentidos de la Conversión"*, Buenos Aires, 2008; R. González, *Textos e Imágenes para la Salvación: la Edición Misionera* De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, Uberlândia, ArtCultura, vol. 11, n. 18, jan.-jun. 2009.

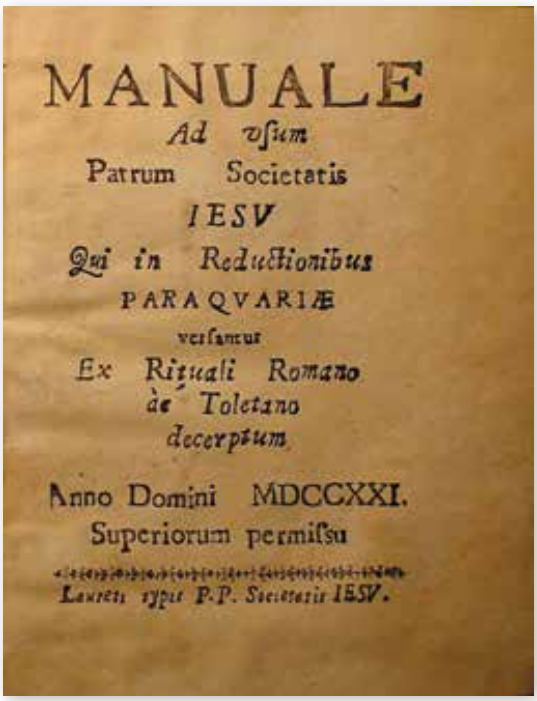
7. A. Sepp, *Viagem às Missões...*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1951, p. 235.

8. A. Garriga, *Instrucción Practica para Ordenar Santamente la Vida*, Loreto, 1713.

nhol, à exceção de algumas orações em latim. Dele só existe um exemplar conhecido, bem impresso e sem anotações manuscritas contemporâneas nas margens, propriedade da biblioteca John Carter Brown.

O livro seguinte, *Manuale Ad usum Patrum Societatis Jesu qui in Reductionibus Paraquariae versantur Ex Rituali Romano ac Toletano decerptum*, é impresso em 1721, também em Loreto. Com textos em latim e em guarani, é um livro de 266 páginas com textos litúrgicos, provavelmente escrito pelo padre Paulo Restivo com ajuda de tradutores indígenas, destinado aos missionários recém-chegados e que ainda não dominavam o guarani. Restivo, padre italiano que viveu na Província do Paraguai de 1691 a 1740, se mostrará prolífico linguista do guarani e muito ativo na prensa missioneira. Deste *Manual*, apenas oito exemplares são conhecidos, quase todos incompletos.

Os dois livros seguintes são *Vocabulario de la Lengua Guarani*, um dicionário com mais de 500 páginas, impresso em 1722 na redução de Santa Maria la Mayor, e uma gramática, *Arte de la Lengua Guarani*, impresso em 1724 igualmente em Santa Maria la Mayor. Ambos são de autoria de Paulo Restivo, apesar do autor ser identificado como Antonio Ruiz de Montoya em suas páginas de rosto. Célebre missionário e linguista, nascido em Lima e ativo na Província do Paraguay de 1609 a 1652, Montoya imprimiu na Espanha, quase 100 anos antes das obras de Restivo, dois livros fundamentais na gramaticalização e dicionarização do guarani (*Tesoro de la Lengua Guarani*, em 1639, e *Arte, y Vocabulario de la Lengua Guarani*, de 1640), mas o trabalho de Restivo – que, modestamente, se identifica apenas como "outro religioso da mesma Companhia" no primeiro livro e como responsável por "anotações e apêndices" no segundo – longe de ser apenas uma atualização da obra clássica


MANUALE
Ad usum
Patrum Societatis
IESV
Qui in Reductionibus
PARAQVARIÆ
versantur
Ex Rituali Romano
ac Toletano
decerptum
Anno Domini MDCCXXI.
Superiorum permissu
Laureti typis P.P. Societatis IESV.

Manuale ad Usum Patrum..., *impresso na redução de Loreto, 1721*

de Montoya, revela o estado da língua guarani no século XVIII, um "guarani-jesuíta" que havia sofrido enormes alterações desde a aparição de seus primeiros *vocabularios* e *artes*, com variações linguísticas nas diferentes reduções[9]. Do *Vocabulario* ainda podem ser encontrados sete exemplares, enquanto o *Arte* é a obra com o maior número de cópias sobreviventes, pelo menos treze em bibliotecas ao redor do mundo.

Na introdução ao *Arte de la Lengua Guarani*, Restivo afirma querer ajudar os iniciantes na língua guarani, extraindo o que há de melhor das várias "artes" existentes e adicionando outras regras e notas achadas em composições de índios e do padre Bandini, depois de ter "averiguado con Indios muy capaces, y comunicado con Padres muy versados en esta lengua"[10]. É também na

9. B. Melià, *La Lengua Guarani del Paraguay*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, p. 26.
10. P. Restivo, *Arte de la Lengua Guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724, p. 1.



De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705.*

abertura deste livro que se encontra pela primeira vez o nome de Nicolas Yapuguay, numa lista de autores que Restivo classifica como de "primeira classe"[11]. O fato de ser posto em igualdade com os outros autores, – entre os quais dois grandes nomes da gramaticalização do guarani, Antonio Ruiz de Montoya e Simon Bandini – e de não ser singularizado como "autor indígena", já demonstra o respeito intelectual acordado a Yapuguay[12].

E é com Yapuguay que Restivo escreverá a próxima obra a ser impressa, em 1724, ainda em Santa Maria la Mayor: *Explicacion*



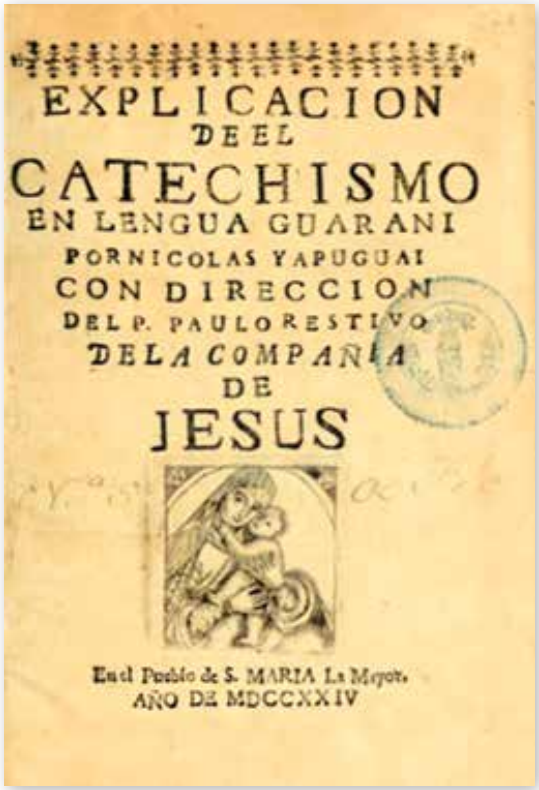
de el Catechismo en Lengua Guarani. Com quase trezentas páginas, todo em guarani à exceção de títulos em espanhol e em latim, o livro começa com textos doutrinais, segue com tratados e explicações sobre o catecismo estabelecido pelo concílio de Lima e apresenta uma seção bilíngue em guarani e espanhol sobre as leis inerentes ao casamento e a aplicação das proibições de consanguinidade previstas pelo Concílio de Trento (*Tabula Graduum Consanguinitatis in quibus solum est impedimentum Matrimoniii Indorum ex Bulla Pauli III*). Na página de título deste livro, do qual ainda se encontram nove exemplares, uma pequena gravura com uma imagem da Virgem com o menino Jesus é uma das poucas ilustrações usadas em livros impressos depois do *Diferencia*. A vinheta, muito delicada, é cópia de uma pintura original das missões que pode ter tido como modelo uma Virgem italiana do século XIV[13].

Tudo o que sabemos sobre Nicolas Yapuguay é dito pelo padre Restivo no prefácio desta *Explicacion*: "Muy conocida y superior a lo que puede saber en un Indio es la capacidad de eses Nicolas Yapuguai, cacique y musico de Santa Maria y con razon muy alabada su composicion por la propiedad y claridad y elegancia con que felizmente se explica, aun en cosas tocantes a Dios, que en otros indios no es tan facil

11. Diz o prefácio: "Los autores que se citan son: Ruiz, Bandini, Mendoza, Pompeyo, Insaurralde, Martinez y Nicolas Yapuguai; todos son de primera classe" (P. Restivo, *Arte de la Lengua Guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724).

12. P. Restivo, *Arte de la Lengua Guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724, Introdução e "Suplemento", p.57.

13. J. Pla, *El Barroco Hispano Guarani*, Asunción, Editorial del Centenario, p. 172.



Explicacion de el Catechismo en Lengua Guarani, *escrito pelo cacique Nicolas Yapuguai e impresso na redução de Santa Maria la Mayor, 1724.*

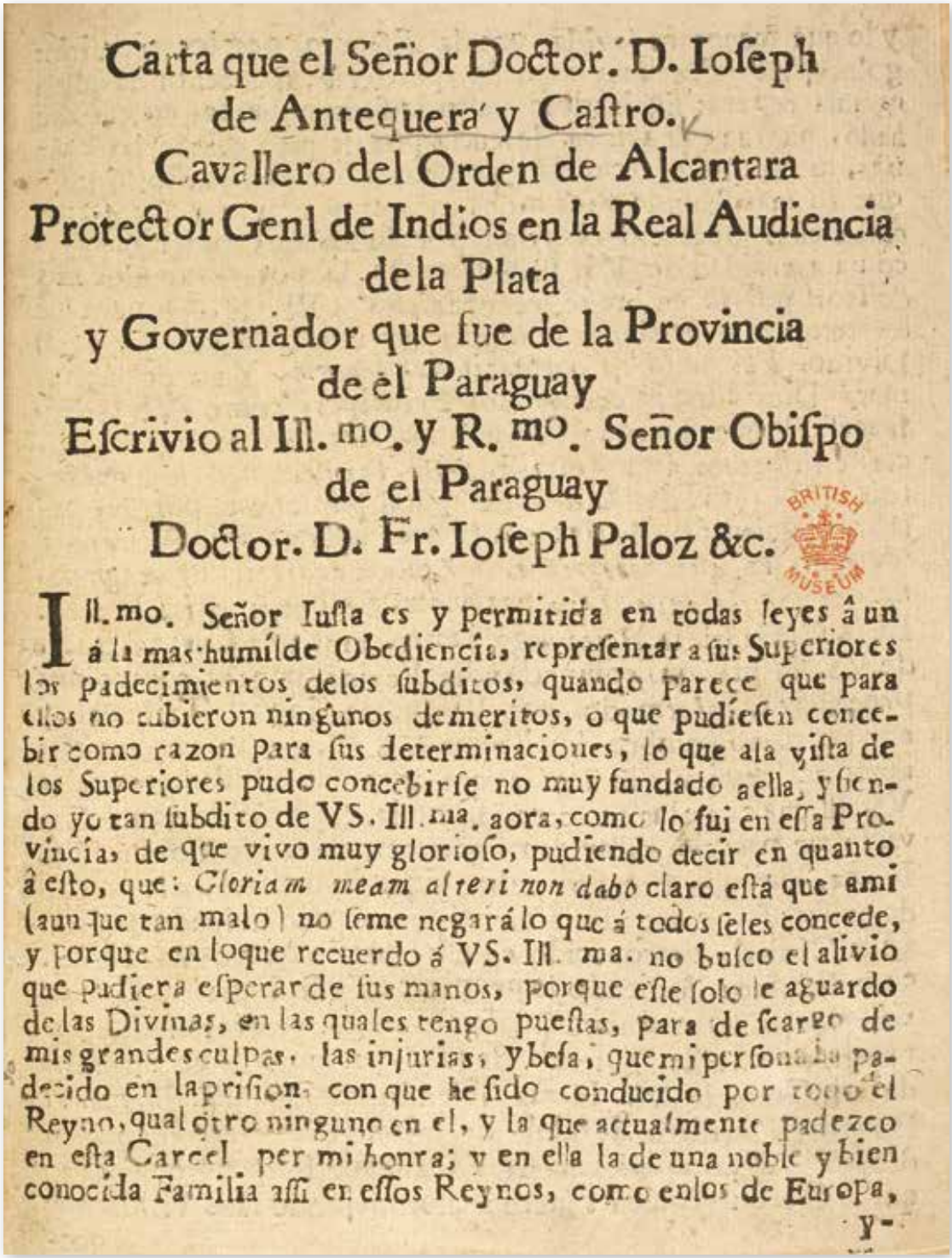
hallarlo [...]"[14], escreve o padre, que ainda explica a natureza de sua colaboração com o cacique: "[...] la frase es suya yo no hice mas que darle materia". Há registro de outros índios escritores – o padre José Peramas fala inclusive de três guaranis que teriam escrito livros não religiosos: um índio de Loreto chamado Vasquez, talvez autor de um livro impresso em 1709, um outro chamado Melchor, de Corpus Christi, que teria escrito uma narrativa nunca impressa sobre sua redução e um terceiro índio que teria redigido uma história, também manuscrita, da redução de San Francisco Xavier[15] – mas os livros de Yapuguay são os únicos que chegaram a nós.

14. N. Yapuguai, *Explicacion de el catechismo en lengua guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724.
15. J. M. Peramás, *La República de Platón y los Guaraníes*, Buenos Aires, Emecé Editores, 1946.

Em 1727, na redução de São Francisco Xavier, é impressa a segunda colaboração entre o cacique e o padre, *Sermones y Exemplos en Lengua Guarani por Nicolas Yapuguay con Direction de un Religioso de la Compañia de Jesus*. Este segundo livro de Nicolas Yapuguay apresenta sermões, louvando e incitando o comportamento virtuoso, e depois exemplos para a quaresma, num estilo utilizado igualmente na predicação popular na Europa e que buscava aterrorizar os fiéis com as graves consequências dos pecados cometidos. O texto é todo em guarani, à exceção dos títulos em espanhol e em latim. Há notas explicativas em espanhol ao final de cada título, o que poderia indicar que o leitor seria um missionário que usaria os exemplos para sua própria predicação.

É também de 1727 o último impresso das missões, um libreto de 18 páginas: *Carta que el Señor Doctor Jose de Antequera y Castro Caballero de la Orden de Alcantara Protector Gral de Indios en la Real Audiencia del Plata y Gobernador que fue de la Provincia del Paraguay escribio al Ilmo y Rmo Señor Obispo del Paraguay D. Fr. Joseph Paloz*. Mais atípico dos impressos missioneiros, esta *Carta* escrita totalmente em espanhol não é obra religiosa ou linguística. Não tem página de rosto, suas páginas não são numeradas e sua data e lugar de impressão aparecem ao fim do texto: *S. Xavieri anno 1727*. Só existe um exemplar, que pertence à Biblioteca Britânica.

As seis primeiras páginas apresentam uma carta de José de Antequera y Castro, antigo governador do Paraguai, endereçada ao bispo franciscano José Paloz. As doze páginas seguintes são a resposta de Paloz. Estas cartas têm como pano de fundo a "Revolución Comunera" que opunha os *criollos* do Paraguai à administração espanhola e que se estendeu de 1721 a 1735. Antequera y Castro fora enviado ao Paraguai em 1721 como



Carta que el Señor Doctor. D. Ioſeph
de Antequera y Caſtro.
Cavallero del Orden de Alcantara
Protector Genl de Indios en la Real Audiencia
dela Plata
y Governador que ſue de la Provincia
de el Paraguay
Eſcrivio al Ill.mo. y R.mo. Señor Obiſpo
de el Paraguay
Doctor. D. Fr. Ioſeph Paloz &c.

Ill.mo. Señor Iuſta es y permitida en todas leyes â un â la mas humilde Obediencia, repreſentar a ſus Superiores los padecimientos delos ſubditos, quando parece que para ellos no cubieron ningunos demeritos, o que pudieſen concebir como razon para ſus determinaciones, lo que ala viſta de los Superiores pudo concebirſe no muy fundado a ella, y ſiendo yo tan ſubdito de VS. Ill.ma. aora, como lo fui en eſſa Provincia, de que vivo muy glorioſo, pudiendo decir en quanto â eſto, que: *Gloriam meam alteri non dabo* claro eſta que ami (aunque tan malo) no ſeme negará lo que á todos ſeles concede, y porque en loque recuerdo á VS. Ill.ma. no buſco el alivio que pudiera eſperar de ſus manos, porque eſte ſolo le aguardo delas Divinas, en las quales tengo pueſtas, para deſcargo de mis grandes culpas, las injurias, y beſa, que mi perſona ha padecido en laprision, con que he ſido conducido por todo el Reyno, qual otro ninguno en el, y la que actualmente padezco en eſta Carcel por mi honra; y en ella la de una noble y bien conocida Familia aſſi en eſſos Reynos, como enlos de Europa, y-

Carta que el Señor Doctor D. Ioseph de Antequera y Castro... *último livro ainda existente impresso nas missões, San Francisco Xavier, 1727.*

juiz para investigar denúncias contra Don Diego de los Reyes Balmaceda, governador de Assunção e aliado dos jesuítas, acusado de abuso de poder. Antequera destitui Balmaceda e toma o posto de governador, o que precipita a "revolução". Vencido em 1724 por um exército organizado em Buenos Aires e que contava entre seus soldados os


DELA DIFERENCIA ENTRE LO
TEMPORAL Y ETERNO
CRISOL DE DESENGAÑOS; CONLA ME
MORIA DELA ETERNIDAD, POSTRIMERIAS HV
MANAS, PRINCIPALES MISTERIOS DIVINOS
POR EL
P. IVAN EVSEBIO NIEREMBERG
DELA COMPAÑIA DE
IESVS
Y TRADVCIDO EN LENGVA GVARANI
POR EL PADRE
IOSEPH SERRANO
DELA MISMA COMPAÑIA
DEDICADO ALA MAGESTAD DEL
ESPIRITV SANTO
CONLICENCIA DELEXELENTISSIMO
SEÑOR
D. MELCHOR LASSO DE LA VE
GA PORTO CARRERO
Virrey, Governador, y Capitan general del Peru
Impresso en las Doctrinas Año de M.D.CC.V.

Página de título de La Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705.*

guaranis das missões jesuítas, Antequera é preso e enviado a Lima para ser julgado. É executado em 1731, e os *comuneros* são finalmente vencidos em 1735[16].

Esta revolta teve vastas repercussões na região e foi custosa às missões, cujas tropas eram continuamente solicitadas para participar das lutas. Além disso, os jesuítas eram acusados pelos *comuneros* de dominarem "Governadores, Juízes e bispo"[17] e parecem ter se sentido obrigados a rebaterem as acusações. Que esta primeira carta de Antequera e a resposta do bispo tenham sido impressas numa redução demonstra que, longe de estarem retirados da vida política da colônia, os jesuítas das missões do Paraguai participavam dos acontecimentos da região e os acompanhavam ativamente.

As razões do abrupto fim da impressão nas missões, num período ainda próspero de sua história, continuam obscuras. Depois da produção desta série de livros durante um curto período, as prensas missionárias cessam completamente as suas atividades no final dos anos 1720. É possível que as dificuldades de produção fossem grandes demais e que o ofício de tipógrafo – provavelmente uma extensão de outras atividades técnicas entre os múltiplos *métiers* exercidos por jesuítas e guaranis, e não obra de um especialista – tenha ficado em segundo plano diante de necessidades mais urgentes, obrigando esta mão de obra a ser utilizada em outras atividades artesanais consideradas prioritárias. A falta de papel parece ter sido o problema prático mais evidente, mas talvez as circunstâncias conjunturais e políticas mais amplas, como a crise econômica que atingiu as reduções durante os anos 1730 ou a campanha dirigida pelas autoridades espanholas nesta mesma época para a utilização do espanhol no lugar das línguas indígenas, podem ter desencorajado a produção de livros nas missões do Paraguai.

A impressão missioneira resolvia inicialmente um problema prático: as artes e vocabulários, assim como os sermões e explicações doutrinais, necessários para ensinar o guarani aos missionários e a religião aos guaranis, eram mais facilmente produzidos *in loco* que na Europa, onde estariam entregues a todo tipo de complicação engendrada por um processo tão afastado de sua fonte. Longe daqueles que conheciam

16. R. Quevedo, *Antequera, Historia de un Silencio*, Asunción, Ed. La Voz, 1970; A. Lopéz, *The Colonial History of Paraguay: The Revolt of the Comuneros, 1721-1735*, New Jersey, Transaction Publishers, 2005.
17. M. de Angles y Gortari, *Copia del Informe que Hizo el General D. Mathias de Angles y Gortari, Corregidor del Potosi, sobre los Puntos, que Han Sido Causa de las Discordias Sucedidas en la Ciudad de la Asunción de la Provincia del Paraguay, y Motivaron la Persecución de D. Josef de Antequera de Parte de los Regulares de la Compañía [de Jesús]*. Madrid M.DCC.LXIX [1769], En la Imprenta Real de la Gazeta.

a língua e a cultura indígena, o padre Ruiz de Montoya já havia encontrado muitas dificuldades para imprimir em Madri suas primeiras obras em guarani. Além disso, a promoção da língua guarani em língua "literária" e impressa (mesmo se, como nos mostra Bartomeu Melià, utilizada para uma literatura cristã escrita em guarani e não para uma "literatura guarani"[18]); contando, inclusive, com escritores, era também uma maneira de legitimizar esta nova civilização à qual aspiravam os jesuítas. O fato de reproduzir também esteticamente os modelos e as convenções estabelecidas pela produção europeia de livros demonstra por si só a vontade de conferir a este projeto missionário uma tradição já estabelecida, como prova de filiação ao mundo cristão.

Se o aspecto gráfico de um livro é "o encontro entre a estética e a tecnologia disponível"[19], as oficinas de impressão das reduções demonstravam que possuíam a tecnologia e o *savoir-faire* necessários para reproduzir todas as características visuais de um livro ocidental. Uma obra como o *Diferencia Entre el Temporal y Eterno*, com seu grande formato, suas 43 gravuras e suas múltiplas ornamentações, parece mesmo ter sido concebida primordialmente como um objeto simbólico do triunfo civilizador dos jesuítas junto aos guaranis – não somente sua língua se mostrava capaz de exprimir as lições de um muito apreciado tratado religioso como o livro de Joseph Nieremberg, mas suas oficinas podiam igualmente tomar como modelo a célebre tipografia dos Verdussen na Antuérpia para produzir uma edição própria deste clássico.

Comparando página a página diferentes exemplares dos mesmos títulos, encontrados em várias bibliotecas ao redor do mundo[20], assim como alguns exemplares *on-line*, foi possível dar início a uma tentativa de análise bibliográfica das obras saídas das oficinas missioneiras. Uma descrição física dos livros guaranis nos leva à primeira, e evidente, conclusão de que os impressores das missões buscavam imitar em aparência e convenções os livros impressos na Europa.

Os caracteres criados para a escrita em guarani são adaptados do alfabeto latino e se agrupam em fontes do mesmo estilo, com minúsculas, maiúsculas, numerais, pontuações, ligaduras, além de apresentarem versões em itálico, romano, negrito. Como no caso de outras línguas indígenas postas por escrito por linguistas europeus, o alfabeto ocidental é adaptado e transformado para representar o guarani. As modificações podem ir de pequenas adições a letras já existentes (um sinal flutuante, ˜, sobre um *y*, por exemplo) à invenção de uma nova letra.

A organização do conteúdo, sobretudo dos vocabulários e "artes", apresenta elementos clássicos como página de título, com nome do autor, lugar e data de impressão, sumário, introduções e subdivisões em diferentes seções ou capítulos. Os livros seguiam, de modo geral, os traços dos livros impressos na Europa à mesma época, com formatos tradicionais como in-quarto e in-oitavo e características costumeiras como numeração, assinaturas, *catchword* e, às vezes, um título corrente no cabeçalho de cada página.

A tiragem de cada livro impresso nas missões nunca foi estabelecida. Podemos ima-

18. B. Melià, *El Guarani Conquistado y Reducido – Ensayos de Etnohistoria*, Asunción, Universidad Catolica,1 Centro de Estudos Antropologicos, 986, p. 254, Biblioteca Paraguaya de Antropologia, vol. 5.
19. L. Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2005, p. 43.
20. John Carter Brown Library, Bibliothèque Nationale de France, British Library, Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Guita e José Mindlin, Biblioteca Nacional de la Republica Argentina, Biblioteca Enrique Peña (Ar), Museu Mitre (Ar), coleção particular de Horacio Porcel (Ar).



De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705. Uma das páginas de abertura, gravura copiada do livro* Sumo Sacramento de la Fe, *de Francisco Aguado, Madrid, 1640.*

ginar ao menos um exemplar de cada título em cada redução, para utilização por missionários e alguns índios letrados. A biblioteca da redução de Santa Maria la Mayor, por exemplo, abrigava três exemplares do *Tesoro de la Lengua Guarani*, de Montoya, impresso na Europa, assim como *Sermones y Exemplos* e *Explicación de el Catechismo*, de Nicolas Yapuguay[21], estes dois últimos impressos nas missões. O pequeno número de exemplares ainda existentes poderia sugerir uma pequena tiragem, mas não se deve esquecer que, mesmo para exemplares de edições europeias contemporâneas aos livros das missões, a taxa de conservação não é necessariamente uma indicação da sua quantidade original. Ao contrário, são justamente os livros de maior tiragem, mais utilizados e manipulados (como no caso dos livros escolares, por exemplo) que se conservam menos bem. Se considerarmos, além disso, as dificuldades de conservação ligadas ao clima pouco hospitaleiro da região das missões e as turbulências políticas que culminaram com a expulsão dos jesuítas e o abandono das reduções, nos parece mesmo surpreendente que alguns títulos da prensa missioneira, como o *Arte de la lengua guarani*, possam ser encontrados em várias bibliotecas públicas e privadas ao redor do mundo.

Não se sabe o número de caracteres disponíveis nos ateliês de impressão das missões do Paraguai e existem poucas descrições contemporâneas destes caracteres, à exceção de uma citação no livro *Historia de Abiponibus* (1784), do padre Martin Dobrizhoffer, que diz que os próprios índios "fundiram em estanho os caracteres tipo-


APROVACION DEL D.Dr IOSEPH

Bernardino Cethin cura proprio, que fue del Pueblo de indios de San Lorenzo de los altos, y oy Dean de la Santa Yglesia cathedral dela Asumpcion del Paraguay, comissario del Santo oficio de la inquisicion, y Comendador del Obispado.

He visto la obra del desvelo de V. P. R. que con zelo el encendido zelo del bien de las Almas, que siempre le ha asistido, inducciendo del ydioma Caldeano en la lengua Cuarani nacion, y general de los Yndios de esta Provincia el tomo de la Diferencia entre lo temporal, y eterno del R. P. Juan Eusebio Nierembert, y los del Flos Sanctorum del P. P. Pedro de Ribadeneira, Y aunque con el conocimiento de ser edificado V. P. R. en este Ministerio por muchos años enseñando, y instruiendo en estos pobres Indios Yo siempre, que por adelantarlo, y muy gustoso, que pueda salir en dicha lengua tan debil como la perfection lo merecido, sin embargo me movio lo especial del dictamen por ser lo leido, como lo he, con atencion cuidadosa segun el tiempo, que he podido ser detenimiento de las ocupaciones del govierno del Obispado, y otros oficios, que tengo a mi cargo: Yo solo no he podido hallar cosa que censurar, por que es opus pulchrum, Validum, digno es para de que se solicite que sede ala imprenta, para que entodo este Obispado logre de tanto bien: Por que los curas hallaran trabajado para predicar, y en seña lo preciso, que se halla en los dichos Tratados ha su feligreses, y ellos se alentaran mas en seguir la virtud, siendo lo en su natural lenguage, y assi se debe esperar copiosissimos frutos de bendicion del agrado diuino, con mucho bien de las Almas; no dudo tendra mui a su cargo Nuestro Señor el premiar trabajo tal, y tan singular. V. P. R. cuia vida guarde Dios como puede: Asumpcion del Paraguay, y Septiembre 18 de 1700 años.

Doctor D. Ioseph Bernardino Cethin.



De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno, *Loreto, 1705.*

gráficos" destes livros[22], e uma carta de 1784 que fala da descoberta de alguns caracteres em estanho na redução de Santa Maria la Mayor[23]. A dúvida sobre a existência de uma ou várias prensas nas missões estende-se igualmente sobre a existência de diferentes

21. A. E. Sartori, "Santa Maria La Mayor, Según el Inventario de Extrañamiento y Ocupación de Temporalidades", *IX Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas*, São Paulo, 2002, capítulo 10.

22. M. Dobrizhoffer, *An Account of the Abipones: An Equestrian* People of Paraguay, vol. II, London, John Murray, 1822, p. 62

23. *In* G. Furlong, *Historia y Bibliografía de las Primeras Imprentas Rioplatenses*, Buenos Aires, Guarania, 1953, tomo I, p. 82.

conjuntos de caracteres nas diferentes oficinas ou de um só conjunto de caracteres que seria transportado juntamente com a prensa de uma redução à outra. Considerando que os tipos utilizados em diferentes livros eram quase sempre do mesmo estilo mas não idênticos, é possível pensar que cada oficina possuísse seu conjunto de caracteres, mesmo que uma só prensa fosse transportada de uma redução à outra. De qualquer maneira, se este era o caso, não nos parece provável que cada tipografia das missões possuísse um grande estoque de tipos, o que poderia significar um ritmo lento de impressão (com a necessidade de redistribuir os tipos em suas caixas depois da impressão de cada forma para passar, em seguida, à composição de uma nova forma).

Quase todos os exemplares examinados (à exceção dos dois exemplares do *Diferencia Entre el Temporal y Eterno* e dos exemplares únicos de *Instruccion Pratica* e da *Carta de Antequera*) apresentam correções manuscritas nas margens ou no corpo do texto. As correções manuscritas não são surpreendentes, talvez até esperadas, mas o curioso é que algumas delas aparecem corrigidas na impressão de outros exemplares do mesmo título. Considerando a penúria de papel nas missões, é fácil compreender que nenhuma página impressa, mesmo que comportasse erros, fosse descartada. Assim, quando o erro era detectado, imagina-se que a correção era feita à mão na página já impressa e, subsequentemente, a página era remontada com a correção e reimpressa. Em diferentes exemplares, no entanto, foram observados os dois estados de correção, manuscrita e impressa.

Não se pode afirmar que os exemplares nos quais a correção está impressa pertençam a uma nova edição, se considerarmos uma edição como um conjunto de exemplares impressos uma ou várias vezes a partir da mesma composição de caracteres[24]. Ao contrário, parece mais provável que eles tenham sido compostos ao mesmo tempo, sob a mesma prensa, com as correções mais fáceis sendo feitas aparentemente durante a tiragem, quando a prensa era parada tempo suficiente para que a forma fosse reajustada. Não sendo considerado uma outra edição, poderíamos talvez falar de "emissões" ou de "estados" diferentes. Os dois conceitos são, no entanto, de difícil comprovação no caso dos impressos missionários, devido ao pequeno número de exemplares à disposição. Para que se possa contemplar a ideia de uma "emissão" – entendida como um conjunto de exemplares de uma mesma edição tendo todos sofrido as mesmas mudanças voluntárias[25] — seria preciso encontrar vários exemplares de um mesmo título com modificações idênticas. Mas mesmo no caso do *Arte de la lengua guarani*, livro com o maior número de exemplares colacionados (sete), as mudanças encontradas não são sempre as mesmas. Seria mais fácil imaginar que as diferenças achadas nos exemplares examinados representam diferentes "estados" de uma mesma edição que teria sofrido correções, introduzidas durante a impressão. Um estado diferente seria, assim, definido como um conjunto de variantes de um exemplar

24. "An *edition*, first of all, is all the copies of a book printed at any time (or times) from substantially the same setting of type, and includes all the various impressions, issues, and states which may have derived from that setting" (P. Gaskell, *A New Introduction to Bibliography*, Delaware, Oak Noll Press, p. 313). Sobre aquilo que determina que uma composição seja considerada a mesma, Gaskell afirma que existe uma nova edição quando mais da metade dos caracteres foi recomposta; se menos da metade foi recomposta, é provável que estejamos diante de uma nova impressão, emissão ou estado.

25. P. Fouché, D. Péchoin, P. Schuwer (eds.), *Dictionnaire Encyclopédique du Livre*, Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, vol. 2, p. 48.

ou de um grupo de exemplares em relação a um livro de referência[26].

Nos casos em que foi possível colacionar mais de um exemplar, tentou-se inicialmente estabelecer uma cronologia de impressão considerando a possibilidade de que um exemplar tenha servido de prova tipográfica anotada por um revisor e que, em seguida, estes erros tenham sido corrigidos nas impressões seguintes. De modo geral, em um ateliê europeu da mesma época, a primeira folha tirada da composição serve de prova tipográfica onde se indicam os erros do montador. Estes erros serão corrigidos e uma segunda prova é impressa para ser enviada ao autor ou ao revisor; poderia existir ainda uma outra prova, depois das correções dos erros residuais, antes do início da tiragem, e mesmo mais, se houvesse necessidade. Os autores poderiam ir às oficinas para corrigir as provas ou, como passa a acontecer no século XVIII, a prova seria enviada a eles para correção. Devemos lembrar que, nas missões, os autores ou tradutores das obras a serem impressas (e pensamos em José Serrano, Paulo Restivo e Nicolas Yapuguay) estavam provavelmente presentes e certamente implicados no processo de impressão.

No entanto, esta "prova tipográfica" – ou este livro de referência – não foi encontrada entre os exemplares examinados e as diferenças entre as cópias se mostraram frequentemente mais complexas. A comparação entre diferentes exemplares da *Arte de la Lengua Guarani*, por exemplo, parece inicialmente apoiar a ideia de uma prova corrigida: nas primeiras páginas, notamos correções feitas à mão no exemplar da Biblioteca Nacional da França e corrigidas na impressão dos exemplares da Biblioteca Britânica e da Biblioteca John Carter Brown. As diferenças seguintes,



Capitulares de De la Diferencia Entre lo Temporal y Eterno.

no entanto, não conduzem à mesma conclusão – algumas correções são impressas no exemplar francês enquanto ficam sem correção nos exemplares inglês e americano. O fato é que cada exemplar examinado dispõe de múltiplas variantes, algumas vezes alterando a composição de uma página, mas nunca mudando a paginação.

Apesar de não sugerirem nenhum tipo de "cronologia" de impressão, estas variantes reforçam a ideia de que a tipografia não era uma atividade menor entre as artes e ofícios missioneiros. Fica evidente que a produção dos livros era realizada com cuidado, tanto quanto era possível com os meios disponíveis. A razão puramente prática de sua existência não explica a atenção dada aos detalhes estéticos escolhidos para a composição destas obras, mesmo quando os detalhes e o cuidado com que eram produzidas variavam de livro a outro – da imponência de uma versão guarani do *Diferencia Entre lo Temporal y Eterno* a impressões mais pobres e quase sem ornamentações de obras como o *Vocabulario de la Lengua Guarani* e o *Sermones y Exemplos*. Nem estas produções mais modestas da prensa missionária são privadas de pequenos detalhes tipográficos que demonstram uma intenção estética clara de inserção numa tradição da impressão ocidental. Deve-se lembrar, igualmente, que a confecção de manuscritos que procuram imitar nos me-

26. *Idem*., p. 134.

nores detalhes os livros impressos continua paralelamente à produção tipográfica. E o cuidado com que as obras eram revisadas, anotadas e eventualmente corrigidas sugere uma importância maior da impressão como símbolo da sociedade civilizada e civilizadora ambicionada pelos jesuítas.

Tão reveladora deste papel simbólico quanto a impressão é a existência de um índio autor, Nicolas Yapuguay, autor *impresso*.

Caciques, capitães, chefes de conselho, músicos, oficiais: o regime comunitário das missões não impedia a existência de uma elite guarani que contava entre seus privilégios o direito à educação e o respeito dos jesuítas, que dependiam de sua ajuda para a administração das reduções. Os caciques, cuja existência remonta à organização social dos índios anterior à sua "redução", eram numerosos em cada vila e tinham, cada um, de vinte a trinta famílias sob sua responsabilidade[27]. Estes caciques eram declarados *hidalgos* pela coroa espanhola e tinham direito ao título de Don. Seus filhos aprendiam a ler, escrever e contar, na esperança de que entre eles fossem mais tarde escolhidos "o prefeito, os escribas, os procuradores e os médicos"[28]. Membro desta elite que se mantém em sua maioria anônima, Yapuguay, "cacique e músico" de capacidade "conocida y superior", como o descreve Restivo[29], aparece como o símbolo da participação ativa dos guaranis no projeto missionário.

É evidente que Yapuguay não se enquadra na "figura romântica, soberba e solitária do autor soberano" da expressão de Roger Chartier[30], mesmo que, em sua imagem de índio "civilizado", ele encarne uma figura idealizada e emblemática das aspirações missionárias. Para utilizar a expressão de Foucault, a "função-autor" no caso específico de Yapuguay se mostra na construção de um sujeito que simboliza por seu nome e sua identidade não europeia o culminar de um projeto civilizador, oferecendo um valor de verdade ao texto e ao que ele representa[31]. Longe das razões de ordem jurídica (propriedade dos textos) ou penais (responsabilidade sobre um discurso que pode ser censurado ou punido) a inclusão do nome de Yapuguay como autor parece conter sobretudo uma razão/função simbólica. Além disso, este cacique aparenta ser realmente apreciado por seu coautor Restivo, com quem tem uma relação de verdadeira colaboração.

Existe igualmente uma ligação entre autor e impressão que pressupõe, claro, um mercado de livros e uma possível independência financeira dos autores. Evidentemente, nem o mercado nem a independência financeira se aplicam às circunstâncias de Yapuguay – mas ele é autor também pelo simples fato da visibilidade perene de seu nome impresso. A associação entre autor e publicação impressa se torna mais próxima a partir do fim do século XVII. Em 1690, lembra Chartier, o *Dictionnaire Universel* de Furetière afirma que "Autor [...], se diz de todo aquele que trouxe à luz algum livro. Agora se diz só daqueles que o fizeram imprimir", dando como exemplo: "Este homem enfim fez-se autor, foi impresso"[32]. A definição de autor,

27. A. A. Kern, *Missões: Uma Utopia Politica*, Porto Alegre, Editora Mercado Aberto,1982, pp. 36-57.
28. Carta do padre Peramás em B. Melià, *La Lengua Guarani del Paraguay*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, pp. 136-137.
29. N. Yapuguai, *Explicacion de el Catechismo en Lengua Guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724, prefácio de Paulo Restivo.
30. R. Chartier, *Culture Écrite et Société: l'Ordre des Livres (XIV^e-XVIII^e Siècle)*, Paris, Albin Michel, 1996, p. 48.
31. M. Foucault, *Dits et Écrits, 1954-1988, tome 1: 1954-1969*, D. Defert, F. Ewald (eds.), Paris, Gallimard, 1994, pp 789-821; M. Foucault, "What Is an Author?", em *The Book History Reader*, D. Finkelstein, Alistair McCleery (eds.), London/New York, Routledge, 2006, pp. 281-291.
32. R. Chartier, *op. cit.*, p. 58.

continua Chartier, "supõe a circulação impressa das obras e, por sua vez, o recurso à prensa distingue o 'autor' do 'escritor', definido por Furetière sem referência à impressão: 'Escritor se diz daquele que compôs livros, obras'"[33]. Enquanto isso, na Inglaterra do início do século XVIII, o Copyright Act, que reconhece ao escritor impresso o direito jurídico e financeiro sobre seu trabalho, abre o caminho para a criação do ofício de autor[34]. Mesmo tão longe, geográfica e conjunturalmente, do contexto europeu, Yapuguay é também, a seu modo, representante deste novo caráter da paternidade literária.

É verdade que o trabalho bem policiado deste autor guarani – com sua explicação do catecismo e seus sermões e exemplos – confere a ele uma imagem exemplar de índio reduzido, inclusive no sentido de submisso. Ainda assim, esse trabalho acha espaço para a individualidade de seu autor, o que não é negligenciável quando levamos em conta o caráter comunitário e quase sempre anônimo das missões. A figura de Yapuguay deixa entrever uma participação bem mais ativa dos índios "reduzidos" em seu próprio cotidiano do que aquela identificada anteriormente, numa colaboração entre padres e guaranis que era certamente necessária e constante em todos os níveis de funcionamento das reduções.

A existência da impressão entre os ofícios desenvolvidos nas missões demonstra igualmente a importância que a escrita e a leitura ganham na vida cotidiana das reduções. Mesmo quando a alfabetização continua fraca e a educação das crianças guaranis só inclui uma minoria saída da elite indígena, uma grande quantidade de manuscritos, de cartas, relatórios administrativos e protestos às autoridades coloniais demonstram que a palavra escrita, inclusive impressa, era utilizada correntemente na administração das reduções – para pontuar suas relações com o poder colonial, demarcar seu espaço, organizar e quantificar sua produção nos registros contábeis e até para registrar sua história – implicando assim todos os guaranis missioneiros, letrados ou não. A matéria escrita estava, de fato, presente e visível sob diferentes formas na vida cotidiana das reduções, mesmo da maneira mais simples, como nas placas de madeira com orações, exibidas nas igrejas ou nas inscrições funerárias[35]. Assim, mesmo os membros não alfabetizados das missões conviviam constantemente com a matéria escrita.

Esta língua até então puramente oral foi codificada e dicionarizada, transformada numa espécie de "guarani-jesuíta" e assumida pelos padres como língua suficientemente sofisticada para traduzir os mistérios e as doutrinas da fé. E este reconhecimento do guarani como língua escrita é reforçado por sua impressão, esta promessa de perpetuidade que confere a esta língua uma autoridade frequentemente sugerida como inerente ao livro impresso. No caso dos manuais destinados ao aprendizado da língua, assim como nos livros de prática religiosa que incluíam sermões e explicações do catecismo em guarani, a veracidade e a justeza do conteúdo estavam sempre garantidas pela participação na redação ou na correção de "Indios muy capaces" como escreve Paulo Restivo[36].

Mesmo que as grandes questões práticas sobre a impressão jesuíta-guarani (quantas prensas existiam, qual era a tiragem destes

33. *Idem*, p. 58.
34. S. H. Steinberg, *Five Hundred Years of Printing*, London, The British Library et Oak Knoll Press, 1996, p. 107; J. Feather, *A History of British Publishing*, London e New York, Routledge, 1991, pp. 102-104.
35. E. Neumann, "Práticas letradas Guarani: produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII)", tese doutoral, Rio de Janeiro, 2005.
36. P. Restivo, *Arte de la Lengua Guarani*, Santa Maria la Mayor, 1724.

impressos e qual a causa do fim da impressão missionária) fiquem sem respostas definitivas, por falta de vestígios ou de documentação pertinente, algumas surpresas na análise deste material, principalmente em relação às múltiplas variantes encontradas, sugerem um processo mais complexo de impressão do que se imaginava anteriormente.

Existe ainda a possibilidade de que estes livros tenham sido impressos em maiores quantidades do que imaginado até hoje. Os treze exemplares conhecidos da *Arte de la Lengua Guarani*, por exemplo, não representam uma quantidade desprezível de livros ainda existentes quando se consideram as circunstâncias de sua produção, utilização e conservação; ainda mais quando se pensa na maneira expeditiva pela qual os jesuítas foram obrigados a abandonar as reduções e o desmantelamento subsequente da organização e a dispersão dos bens destas comunidades. Claro, não parece razoável imaginar que, levando-se em conta as dificuldades de produção e sobretudo a escassez de papel nas missões, os livros impressos nas oficinas das reduções tenham alcançado um número de tiragem muito significativo, além da necessidade de estar presentes nas bibliotecas de cada redução. No entanto, é possível que estas tiragens tenham sido mais importantes e que os livros impressos tenham tido uma maior participação no projeto educacional dos jesuítas junto aos guaranis reduzidos do que imaginado anteriormente.

O talento de copistas dos índios era frequentemente exaltado pelos religiosos, o que se confirma pela qualidade de alguns livros missionários manuscritos. Desta forma, por que imprimir, quando se tem uma mão de obra copista e uma necessidade reduzida de exemplares? Construir uma prensa não é de fato muito difícil quando já se tem o conhecimento da metalurgia e da maçonaria. Por outro lado, a manufatura dos tipos, da tinta e, em seguida, a organização do processo de impressão, são mais complicados e demandam um maior engajamento técnico. Para que este engajamento seja viável, é preciso que a impressão se mostre necessária como meio mais rápido de reprodução, considerando que as tiragens justifiquem um tal esforço, ou que ela seja pensada como arte e como uma das medidas do desenvolvimento cultural do povo que o utiliza. Nas reduções do Paraguai, pode-se dizer que os dois argumentos justificariam sua utilização.

A expulsão dos jesuítas e as subsequentes transformações econômicas, políticas e culturais sofridas pelos "trinta povos" não deixaram lugar para a atividade tipográfica em guarani, que só será retomada quase duzentos anos depois do fim da impressão missioneira, quando Narciso R. Cólman, dito Rosicrán, publica no Paraguai uma antologia de seus poemas em guarani[37].

Restam poucos traços da tipografia missionária da Província Jesuíta do Paraguai. As prensas e fontes desapareceram, provavelmente destruídas. A documentação menciona, claro, a impressão, mas dá sobre seu funcionamento poucos detalhes. É apenas através do testemunho algumas vezes muito imperfeito dos próprios exemplares, espalhados por bibliotecas privadas e públicas ao redor do mundo, que se pode perceber o trabalho cuidadoso, mesmo que finalmente efêmero, de artesãos europeus e guaranis. Esta impressão da qual os primeiros bibliófilos platenses tinham tanto orgulho em razão de sua manufatura totalmente local, parece hoje uma nota de rodapé na história do projeto missionário jesuíta. É possível, no entanto, que toda a ambição deste projeto

37. *Ocara Poty*, em 1917 (B. Melià, *La Lengua Guarani del Paraguay*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, p. 152; T. Méndez-Faith, *Breve Diccionario de la Literatura Paraguaya*, Asunción, El Lector, 1996, p. 82).

esteja representada neste ofício tão revelador das aspirações dos religiosos e da sua convicção na perenidade de seu trabalho evangelizador e civilizatório.

Esta *república* que se acreditava destinada à permanência não sobreviveu, no entanto, às turbulências políticas que levaram à expulsão da Companhia de Jesus da Europa católica e de suas colônias. Celebradas com muita nostalgia pelos religiosos que, de seus exílios europeus, relatavam aquilo que consideravam um capítulo glorioso de sua história, as reduções se transformaram administrativa e culturalmente e suas populações foram finalmente absorvidas pelas novas nações que se formaram na região. Da sociedade imaginada pelos jesuítas, apenas alguns vestígios, entre os quais a impressão, sugerem uma envergadura e uma ambição que fomentaram polêmicas, ultrapassando as questões religiosas e tomando uma dimensão filosófica que levou ao debate personalidades maiores de seu tempo, e cujos ecos são percebidos até hoje.